## UNIVERSIDADE DE COIMBRA FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

45

INSCRIÇÕES 201-205



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA COIMBRA 1993 FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas da Península Ibérica.

Solicita-se a colaboração de todos quantos tiverem directo conhecimento de

achados.

Este fascículo estabelece as normas de apresentação dos textos, embora se admita e aceite uma certa flexibilidade.

O comentário onomástico deve ser breve e pode mesmo omitir-se. Pretende-se, todavia, uma descrição correcta da peça, uma indicação das condições do achado, uma leitura e comentário paleográfico, bem como indicação do paradeiro actual.

O FICHEIRO EPIGRÁFICO publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos.

As inscrições são numeradas de forma contínua ao longo dos vários fascículos, de modo a facilitar a preparação de índices, que serão publicados no termo de cada série de dez fascículos.

FICHEIRO EPIGRÁFICO is a supplement of CONIMBRIGA whose objective is to make available previously unpublished Roman inscriptions of the Iberian Peninsula. Contributions from all finders are welcome; this issue sets the desired pattern of such contributions, allowing for a certain flexibility.

The onomastic and historic notes must, however, be very short. They can even been ommitted, in which case the note in question will consist merely of a description of the object, of the conditions of its discovery, of a reading and paleographic commentary, and reference to present location.

FICHEIRO EPIGRÁFICO will be published in 16 page issues, of varying periodicity according to frequency of received notes.

The inscriptions will be numbered, the numbering being continuous along the issues, so as to facilitate the preparation of indexes, which will be published at the end of each group of ten issues.

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

All contributions should be sent to the editors:

José d'ENCARNAÇÃO Instituto de Arqueologia — R. de Sub-Ripas, P-3000 COIMBRA Maria Manuela Alves DIAS Av. Madrid, 24, 2.º dt.º, P-1000 LISBOA

A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio do

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA

## FICHEIRO EPIGRÁFICO

# Suplemento de Conimbriga ISSN 0870-2004

Editor: José d'Encarnação

Instituto de Arqueologia, Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra Rua de Sub-Ripas, P-3000-395 Coimbra

FICHEIRO EPIGRÁFICO, Edición electrónica.

Proyecto y realización, Joaquín Gómez-Pantoja Digitalización y traducción de PDF, Mariano Rodríguez Ceballos Índices: Joaquín Gómez-Pantoja, José Vidal Madruga y José d'Encarnação.

Este trabajo ha sido financiado por el proyecto "VBI ERAT LVPA" (2002-0462/001-001CLT CA22) de la Comisión Europea.





#### 201

## TRÊS ESTELAS ROMANAS DE PORTO DE MÓS

ESTAMPAS I e II

Guarda-se no Museu Municipal de Porto de Mós (sem número de entrada) uma edícula romana anepígrafa, que foi retirada, em finais de 1991, da muralha do castelo, onde — como acontece com os outros dois monumentos de que vamos tratar — se encontrava em reutilização.

Esculpida no chamado «mármore de Alvados», de exploração local mesmo na actualidade, rosado e com alguma pátina, a edícula (vide estampa I) é de forma quase cúbica (mede 55,5 x 54 x 49 cm) e apresenta-se em muito bom estado de conservação.

Ostenta, na face superior, dois toros lisos com rosáceas de seis pétalas (diâmetro exterior = 6,6) nos topos; a meio, um fastígio. Na face dianteira, foi esculpida, em baixo-relevo obtido por rebaixamento da superfície, uma 'fachada' de 36,5 x 28,2 cm: o frontão, triangular, está sustentado por duas colunas lisas estilizadamente representadas e mostra, a meio, um busto, também estilizado (8 x 6,5 x 0,5/1 cm). As faces laterais e posterior são lisas.

Trata-se, sem dúvida, de um monumento funerário romano que esperava cliente na oficina do canteiro: não há vestígio de qualquer inscrição (pintada que fosse) no espaço a ela destinado, entre as colunas, e o próprio busto está delineado tão esquematicamente que permitiria, se fosse caso disso, mediante ligeiros retoques, um 'retrato' mais realista do defunto (ou da defunta) a memorar. A tradição do trabalho da pedra ainda hoje se mantém em Porto de Mós, de modo que não é de estranhar a existência de oficinas locais, já no tempo dos Romanos.

Destinava-se a ser colocado sobre um plinto, muito provavelmente em forma de prisma quadrangular, se atentarmos no outro monumento idêntico encontrado na região — o epitáfio de Cabura (¹) — assim como nas

<sup>(</sup>¹) Cf. FE 81 = AE 1986 282 = HEp 1 1989 686; e também a comunicação que fizémos no I Congresso Peninsular de História Antiga, publicada nas respectivas actas (Santiago de Compostela, III, 1988, pp. 5-8) e de que AE 1988 690 se fez eco, assim como «L'Année Philologique» 1989 n.º 9858. Actualmente, o monumento já se encontra exposto no Museu Municipal de Porto de Mós (n.º de entrada: 480). Publicámos, na edição de 5-3-1992 de «O Portomosense», uma primeira notícia, com foto, acerca da importância deste achado.

duas estelas de que vamos falar a seguir. O lóculo para a urna cinerária estaria, pois, num terceiro elemento, que ficaria soterrado. A edícula funcionaria, consequentemente, de capitel, a ser colocado à altura dos

olhos do passante.

Formalmente idênticas a esta são as estelas em forma de casa ('oicomorfas') de Poza de la Sal, localidade espanhola da província de Burgos. É diversa a gramática decorativa ali registada, mas não há dúvida de que—para além da tipologia do monumento em si—existem elementos comuns (a representação estilizada do busto, as rosáceas, a sugestão da fachada de um edifício...) que nos apontam o mesmo horizonte cultural

ou, pelo menos, a repercussão de influências comuns.

Deve-se a José António Abásolo, a María de Lourdes Albertos e a Juan Carlos Elorza o estudo mais sistemático sobre este tipo de monumentos (²). Aí se refere, nomeadamente, o exemplar em que surge uma figura humana, «de um modo mui esquemático e elementar» (p. 74), a indiciar que «se trata simplesmente da representação do defunto, ainda que sem intenção de retrato, por meio de uma simples alusão à sua pessoa» (*ibidem*). Pensam os autores que é possível atribuir-lhes três funcionalidades, consoante a tipologia: «Há-as que serviram de verdadeiras urnas cinerárias, outras foram 'estelas' colocadas sobre caixas que continham as cinzas, e pensamos que um terceiro grupo serviu como 'estela' indicativa duma inumação» (p. 83). De qualquer modo, são de opinião que «não é de todo incorrecto qualificar como estelas» estes monumentos, «pois estavam destinados a ser contemplados unicamente de frente» (p. 84).

Os monumentos de Porto de Mós, apesar de poderem ser vistos nas suas quatro faces, incluir-se-ão, por conseguinte, nesta tipologia e servem apenas um ritual de incineração. Também concordamos com Abásolo, Lourdes Albertos e Juan C. Elorza quando afirmam que este tipo de monumento se inspira «em construções de tipo 'templar' (votivo ou funerário) simplificadas e reduzidas no seu aparato arquitectónico» (p. 86); pode, portanto, atribuir-se-lhe uma «origem clássica», apesar de, na Hispânia, ter sido «utilizado exclusivamente por gentes de raiz celta» (p. 84).

Curiosamente, é neste ponto que se nos afiguram do maior interesse os recentes achados de Porto de Mós. A raiz «celta» está patente na onomástica, é certo; mas tudo o resto sugere um horizonte cultural alheio

<sup>(2)</sup> Los Monumentos Funerarios de Epoca Romana, en Forma de Casa, de la Región de Poza de la Sal (Bureba, Burgos), Burgos, 1975.

à Península, muito mais próximo da primeira leva de colonos itálicos (³). E a essa luz poderá ganhar nova explicação a circunstância, bem anotada — ainda que com uma certa estranheza — por parte daqueles autores de que, em Poza de la Sal, «não são os monumentos mais antigos os que apresentam nomes indígenas e os mais modernos os de indígenas romanizados: o que acontece é o contrário» (p. 85). E a explicação é lógica, em nosso entender: foram elementos exteriores que trouxeram o modelo, de pronto adoptado pelos indígenas (⁴).

A limpeza a que se procedeu da vegetação que rodeava os panos de muralha do castelo permitiu a identificação aí (vide estampa II) de mais dois monumentos romanos em reutilização, não sabemos se anepígrafos

ou não, porque pode a face inscrita estar para dentro.

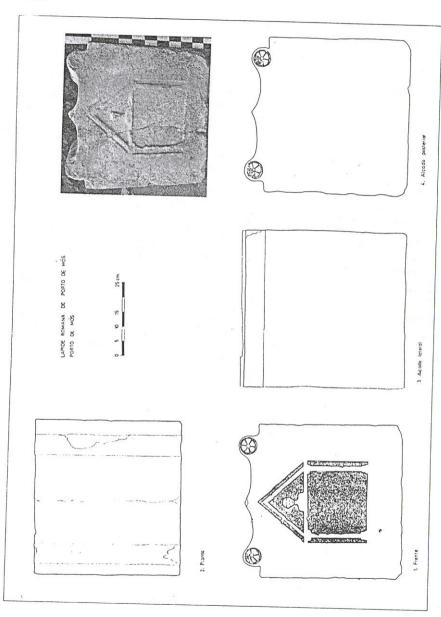
Trata-se de duas outras estelas do tipo da de Cabura, inclusive do mesmo material, embora, na estela A, o «nicho» tenha sido obtido por abaixamento da superfície, com um singelo listel a limitá-los, como, de resto, acontece em relação ao «campo epigráfico». Na estela B, que está no cunhal nordeste da torre e de que apenas dispomos de pouco mais da sua metade inferior, a moldura é já do tipo gola encurtada limitada por ranhura.

Dimensões:  $A - 122 \times 37 \times 43$ ; nicho (medidas interiores):  $29 \times 22$ ; «campo epigráfico»:  $60,5 \times 22$ .  $B - (65,5) \times 27 \times 33$ ; «campo epigráfico»:  $(51) \times 15$ .

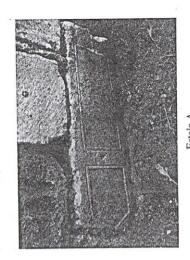
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO JOSÉ BELEZA MOREIRA

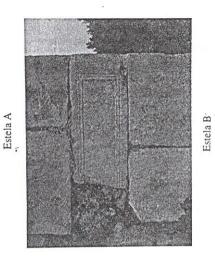
<sup>(3)</sup> Cf. as observações que, nesse sentido, demos a conhecer no artigo publicado no jornal de Leiria «Diário Regional» (12.1.1994, p. 2), sob o título *Quem eram os Romanos que viveram na região de Leiria*. Cf. ainda: José d'ENCARNAÇÃO, *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*, Cascais 1994, p. 73.

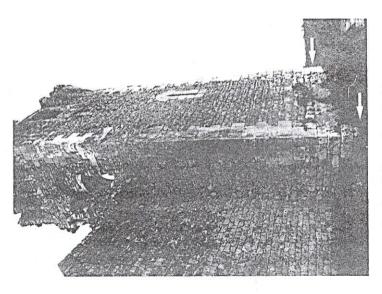
<sup>(4)</sup> Já tivemos ensejo de assinalar como, no processo da romanização, a adopção dos modelos estéticos foi habitualmente muito mais precoce do que a de outros aspectos do todo cultural, como a alfabetização, a onomástica...: cf. José d'ENCARNAÇÃO, A necrópole romana da Quinta de Marim (Olhão): a onomástica enquanto índice sociocultural, «Anais do Município de Faro» 21 1991 229-241.



Ficheiro Epigráfico, 45, 1993







Localização das estelas no castelo.

#### 202

## INSCRIÇÃO FUNERÁRIA DE DORNES (FERREIRA DO ZÊZERE)

(CONVENTUS SCALLABITANUS)

**FOTO 202** 

Cipo funerário paralelepipédico, retirado em 1964, aquando das obras de restauro da igreja de N.ª Sra. do Pranto, situada em Dornes, freguesia de Dornes, concelho de Ferreira do Zêzere. Encontra-se actualmente exposta ao ar livre junto à Torre Pentagonal de Dornes. Reaproveitada como estela funerária medieval, foi-lhe gravada na face posterior a Cruz de Cristo e as quatro esquinas foram facetadas.

Praticamente intacto (apenas estragado na parte superior), não tem campo epigráfico moldurado, enquanto a superfície apresenta muitas irregularidades. A abundância de líquenes e a reduzida profundidade da gravação dificultam a leitura — que é, pois, dada com algumas reservas.

Dimensões: 124 x 48 x 36 (topo)/ 40 (base).

[D(is)] M(anibus)/BOV[I]O/BOVI[A]Ņ[I]/FIL(io) ANN(orum) XXX[.?](triginta.)/<sup>5</sup>MA[XI]MA/MA[TE]Ŗ/Ŗ(aciendum)[C(uravit)]

Aos deuses Manes. A Bóvio, filho de Boviano, de 30 e ? anos. Máxima, a mãe, mandou fazer.

Altura das letras: 6 (os OO têm 5,5). Espaços: 1,5.

Paginação muito cuidada, denotando-se uma tendência para se ordenar o texto logicamente e segundo um eixo de simetria, marcado por um correcto alinhamento à esquerda, embora sem a mesma preocupação em relação à direita. Nota-se, porém, que o alinhamento das letras à esquerda está ligeiramente oblíquo em relação ao bordo da pedra.

Assinale-se o destaque que se pretendeu dar à fórmula invocatória, bem centrada e com um M muito largo, o mesmo devendo acontecer com o D desaparecido.

Não tem linhas auxiliares nem *puncti distinguentes*, aliás desnecessários num texto em que cada palavra ocupa uma linha.

Caracteres monumentais quadrados bem desenhados e de vértices acabados com requinte. OO perfeitamente redondos e os BB de sabor clássico, com panças desiguais.

A análise antroponímica da inscrição revela que estamos em presença de elementos estranhos à Península Ibérica, talvez colonos, dado o seu contexto arqueológico (¹) e as características onomásticas que revela.

Com efeito, o gentilício *BOVIVS*, considerado por Schulze (²) de origem etrusca, poderá ter como radical o indo-europeu \*gwou - boi, vaca (³) e aparece referido em 13 inscrições peninsulares, respectivamente em Oeiras (CIL II 5011 = ILER 2267), Torres Vedras (MANTAS (⁴), n. 3 = AE, 1985, n. 512; MANTAS (⁵), ns. 6 e 11), Barbacena (IRCP 581), Albuquerque — Espanha (ILER 2451), Coimbra (CIL II 378 = ILER 3949 = 4976), Bragança (ALVES (⁶), ns. 26 e 43 = ILER 2609 = EE, IX; 279), Idanha-a-Velha (?) (GARCIA (⁻), n. 38), Castelo Branco (FE 175), Chamusca (SILVA (⁶), FE 151) e em Coria-Espanha (EE, IX, 121). Este gentilício, com pequena representação peninsular, bem como nas restantes províncias do Império Romano, aparece com maior frequência na Itália (CIL VI 3378, 13629, 13630, 13631, 13632; CIL IX 1048, 5420, 5469; CIL X 129, 1685, 1686, 2171, 2172; CIL XI 6700¹³6, ou seja, 14 inscrições, o que parece apontar para uma origem itálica da *gens BOVIA*.

No que respeita a *BOVIANVS*, ele pode ser lido na inscrição como cognome de *BOVIVS* ou como patronímico. No nosso entender optamos pela segunda hipótese, já que o antropónimo *BOVIANVS* não aparece registado na Península Ibérica, mas tão só em Roma, numa única

<sup>(1)</sup> VASCONCELOS, José L. de, Excursão pela Estremadura Cistagana... «O Archeologo Português», XXII, 1920, p. 150.

<sup>(2)</sup> SCHULZE, W., Zur Geschichte Lateinischer Eigennamen, Berlin, 1966, p. 234.

<sup>(3)</sup> Albertos, M. L., Nuevos Antroponimos Hispánicos, «Emerita», XXXII, 1964, p. 213.

<sup>(4)</sup> MANTAS, V. G., Três Inscrições Romanas do Concelho de Torres Vedras, «Conimbriga», XXIV, Coimbra, 1985, p. 125-149.

<sup>(5)</sup> IDEM, Inscrições Romanas do Museu Municipal de Torres Vedras, «Conimbriga», XXI, Coimbra, 1982, p. 5-99.

<sup>(6)</sup> ALVES, Pe. Manuel, Guia Epigráfico do Museu do Abade de Baçal, Bragança, 1976.

<sup>(7)</sup> GARCIA, José Manuel, Epigrafia Lusitano-Romana do Museu Tavares Proença Júnior, Castelo Branco, 1984.

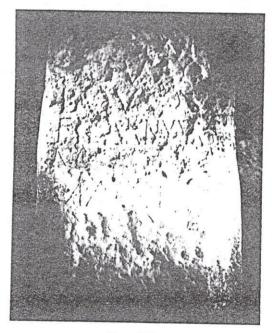
<sup>(8)</sup> SILVA, J. Candeias, Placa Funerária do Casalinho (Chamusca), F. E., n.º 33, Coimbra, 1989.

inscrição e como gentilício (C. BOVIANO PROCVLO SECVNDO HYBLAEO, da tribo Clustumina – CIL VI 14399 e 33754) (°).

O cognome da dedicante (MAXIMA) não apresenta qualquer problema dado que se trata de um antropónimo latino, muito bem representado entre pessoas de condição livre (10).

Pela paleografia, pela presença da invocação aos deuses Manes e pela simplicidade com que são indicadas as relações familiares, situamos esta inscrição na segunda metade do século I.

CARLOS BATATA MANUELA CANAS AMÉLIA CASANOVA FILOMENA GASPAR



**FOTO 202** 

<sup>(9)</sup> Thesaurus Linguae Latinae, vol. II, 1900-1906, p. 2151.

<sup>(10)</sup> KAJANTO, liro, The Latin Cognomina, Helsínquia, 1965, p. 276.

## GRAFITO PROCEDENTE DO CASTRO DE ALVARELHOS (CONVENTUS BRACARAUGUSTANUS)

**Fото 203** 

Em 1986, no decorrer da campanha de escavações efectuada sob a orientação de Lino Augusto Tavares Dias (¹), no conhecido castro de Alvarelhos (freguesia de Alvarelhos, concelho de S. Tirso) (²), foi exumado um bordo de *dolium* com um grafito, hoje exposto no Museu Municipal Abade Pedrosa, em S. Tirso.

O dolium tinha decoração no ombro: caneluras longas, pouco fundas, verticais, com cerca de 4 cm de comprimento, feitas por pressão pelo dedo do oleiro sobre o barro fresco. Esta decoração é interrompida para deixar espaço para o grafito, pelo que podemos considerá-lo integrado na decoração feita aquando do fabrico (3).

Dimensões: 14 x 29 x 2,5.

EME (hedera) ME (hedera) / BONO (hedera) TVO

Compra-me (ou toma-me) para teu bem.

Altura das letras: 1. 1: 1,8/2,2; 1. 2: 1,3/2,7. Espaços: 1: 7,1; 2: 1,3; 3: 0,8.

O texto foi alinhado à esquerda e o uso das *hederae* (desiguais e de caprichoso recorte) permitiu, inclusive, a obtenção duma verdadeira «caixa» com alinhamento à esquerda e à direita.

Caracteres actuários, desenhados com algum requinte, apesar das limitações que oferece o barro ainda mole ao objecto cortante (uma

<sup>(</sup>¹) A escavação teve como finalidade a identificação de um espaço onde algumas irregularidades no terreno indiciavam a existência de muros. Na área escavada — de 10 x 10 metros — observaram-se, na verdade, várias salas que constituem, certamente, espaços de apoio das termas. Foi numa das salas que o bordo foi encontrado, numa cota correspondente à zona inferior da camada de derrube das paredes que caíram para o interior das salas, arrastadas talvez pelo telhado.

<sup>(2)</sup> Cf. J. de Alarcão, Roman Portugal, Warminster, 1988, II-1, p. 19 (n.º 1/348).

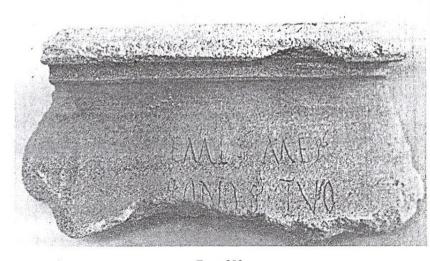
<sup>(3)</sup> Cf. José d'ENCARNAÇÃO, A propósito de um grafito romano achado no Castro de Alvarelhos, «Santo Tirso Arqueológico» 2 1992 7-14. Retomam-se, aqui, em síntese, as considerações então expendidas sobre o significado da inscrição.

cana?) com que foram gravados. Não há, obviamente, um *ductus* regular: note-se o M e o V levemente inclinados para a esquerda, enquanto o E, o O e o T se inclinam para diante. O elíptico, como é vulgar em inscrições deste tipo; T de barra ondulada e com o vértice inferior realçado com uma pequena barra também; do B apenas resta pouco mais do que a metade superior, mas é o suficiente para nos apercebermos que seja estreito.

Apresentámos duas hipóteses de interpretação, porque, na verdade, o verbo latino *emere*, de que temos aqui uma forma de imperativo, tanto pode significar «comprar» como «tomar». Pensamos — como já tivemos ensejo de escrever — que é propositada a ambiguidade que daqui resulta como mensagem: teríamos, no primeiro caso, um aliciante publicitário, de convite à aquisição, na certeza de que o conteúdo traria felicidade; situar-nos-íamos, na segunda acepção, num âmbito mais familiar — e pensaríamos em poção mágica, em precioso néctar, em tonificante xarope... De um lado, a técnica de venda; de outro, o conselho amigo.

Não lográmos identificar, até ao momento, qualquer paralelo.

LINO AUGUSTO TAVARES DIAS JOSÉ D'ENCARNAÇÃO



**Fото 203** 

### 204 GRAFITO DA CITÂNIA DA RAPOSEIRA

### (CONVENTUS SCALLABITANUS)

**F**ото 204

Na campanha de 1989, no campo arqueológico designado Citânia da Raposeira (freguesia e concelho de Mangualde) (¹), foram exumados fragmentos de um vaso com grafito feito após a cozedura, a oeste do sector das termas romanas, privadas, ali existentes. O contexto cronológico aponta para o período que vai desde finais do século I d. C. até meados do século II d. C.

Trata-se de uma tigela de *terra sigillata*, hemisférica, de superfície muito alisada, bordo boleado, realçado por uma ranhura interna; cor alaranjada (Cailleux M. 45; Munsell 5YR 7/7); pasta compacta, com grande densidade de minúsculas partículas de mica.

Diâmetro: 140 mm.

### **OCELLI**

Do C apenas resta a terminação superior, mas reconstitui-se sem dúvidas. Caracteres actuários denunciando uma gravação de mão levantada.

Ocelli é o genitivo do substantivo comum ocellus, que significa à letra «olhinho», usado aqui, porém, num sentido carinhoso: «meu bem», «meu anjo» (²). Poder-se-á, pois, traduzir «do meu bem», «do meu torrãozinho de açúcar».

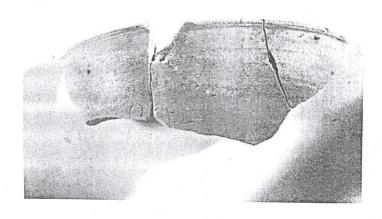
Trata-se, muito provavelmente, de uma oferta de alguém à sua bemamada (ou bem-amado), que decidiu imortalizar num grafito todo o seu carinho. E não nos custa a crer que fosse essa também como que uma marca de 'posse': esta é a tigela «do meu bem».

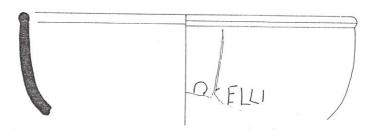
Mais uma vez, singelo grafito a permitir-nos uma entrada quase indiscreta no seio da comunidade familiar...

CLARA PORTAS JOSÉD'ENCARNAÇÃO

<sup>(</sup>¹) Sobre este sítio, cf., por exemplo: J. de Alarcão, *Roman Portugal*, Warminster, 1988, II-1, p. 61, n.º 4/217; Clara Portas e José Beleza Moreira, *Termas romanas da Citânia da Raposeira*, «Informação Arqueológica» 9 (1987), Lisboa, 1994, pp. 90-91.

<sup>(2)</sup> Afigura-se-nos esta hipótese muito mais lógica do que considerar o vocábulo como o genitivo do antropónimo Ocellius. Este antropónimo regista-se, ao que parece,





**Fото 204** 

apenas uma vez na Península, no feminino, concretamente em Conímbriga: o facto de a epígrafe estar perdida levou, inclusive, os epigrafistas a não aceitarent, sem mais, essa ocorrência (cf. Robert ÉTIENNE, Georges FABRE e Pierre e Monique LévêQUE, Fouilles de Conimbriga II – Épigraphie et Sculpture, Paris, 1976, p. 78).

#### 205

## MARCA SABINI NUMA TIJOLEIRA DE BRAGA (CONVENTUS BRACARAUGUSTANUS)

FOTO 205

Recolheu-se, durante as escavações realizadas no Inverno de 1990-1991, nas termas romanas do Alto da Cividade (¹), situadas na actual área urbana de Braga, uma tijoleira com um grafito. O achado ocorreu numa das duas zonas aquecidas das termas, a que se localiza a sul. Embora tenha sido encontrada fora do seu local próprio, tudo indica que pertencia ao pavimento superior do hipocausto e que assentava em quatro colunelos, segundo a técnica de construção habitual.

Dimensões: (46) x (55) x 6,5.

**SABINI** 

De Sabino.

Altura das letras: 4/4.5.

A inscrição foi feita antes da cozedura, numa direcção paralela ao eixo maior da tijoleira. Caracteres actuários (quase cursivos), capitais, bem delineados à mão levantada: A bem aberto, com a barra a cortar a haste da esquerda; B assimétrico; N de traçado levemente curvo.

Sabinus é antropónimo latino muito corrente, inclusive na epigrafia peninsular. Documenta-se grafito idêntico em Conímbriga (²), onde, aliás, também ocorre como nome de oleiro em vasos de *terra sigillata* sudgálica (³). A frequência do nome não nos permite tirar quaisquer ilações: trata-se, muito provavelmente, de um ceramista local.

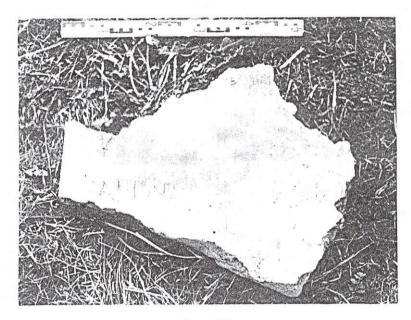
A sala em que se integrava a tijoleira foi construída na segunda metade do século I da nossa era, de acordo com os dados arqueológicos disponíveis. A destruição deste sector do edifício aconteceu em finais do século III, quando o complexo termal sofreu uma ampla remodelação e redução da sua área útil.

Francisco de Sande Lemos José d'Encarnação

<sup>(</sup>¹) Admite-se que seriam termas públicas, duplas, destinadas a servir a população dos bairros ocidentais de *Bracara Augusta*.

<sup>(2)</sup> Cf. Robert ÉTIENNE, Georges FABRE e Pierre e Monique Lévêque, Fouilles de Conimbriga II – Épigraphie et Sculpture, Paris, 1976, p. 154, n.º 341.

<sup>(3)</sup> Ibidem, p. 130, n.º 211.



**F**ото 205